

A EXPERIÊNCIA DO CORPO NA CIDADE CONTEMPORÂNEA: COMPREENSÕES A PARTIR DE JÜRGEN HABERMAS

Fábio Rodrigo Fernandes Araújo¹ 

Rosalvo Nobre Carneiro² 

Destaques:

- O corpo, expressão material da pessoa, se constitui mediado pelo agir comunicativo.
- Jürgen Habermas diferencia o corpo como descrição do Eu e a pessoa como estrutura simbólica.
- Os discursos geográficos sobre corpo e cidade estão agrupados em quatro eixos temáticos.
- Reflete-se acerca de uma construção experiencial intersubjetiva.

Resumo: Pretende-se discutir, a partir da filosofia de Jürgen Habermas, as interações entre o corpo e a cidade contemporânea, por meio de uma construção experiencial intersubjetiva e, ao mesmo tempo, comunicativa. A revisão de literatura sobre corpo e cidade foi agrupada mediante os discursos geográficos em quatro eixos temáticos: mobilidade urbana, da exclusão/inclusão, das identidades e das práticas. As perspectivas comuns e as diferentes serviram de base para as interpretações das interações corpo e cidade pelo pensamento de Jürgen Habermas. Diante disso, a mediação da linguagem, do agir dramático, do paradoxo da identidade do Eu se revelam promissoras sobre um modo geográfico-intersubjetivo de compreender a relação corpo e cidade.

Palavras-chave: Corpo; Cidade; Geografia, Jürgen Habermas, Reconhecimento.

THE BODY EXPERIENCE IN THE CONTEMPORARY CITY: UNDERSTANDINGS BASED ON JÜRGEN HABERMAS

Abstract: It is intended to discuss the interactions between the body and the contemporary city, based on Jürgen Habermas's philosophy of, through an intersubjective and, at the same time, communicative construction. It is intended to discuss the interactions between the body and the contemporary city based on Jürgen Habermas's philosophy, through an intersubjective and, at the same time, communicative construction. The literature review on body and city was grouped by means of geographical speeches in four thematic axis: urban mobility, the exclusion/inclusion, besides the ones of identities and practices. The common and different perspectives served as a basis for the interpretations of the interactions between body and city through Jürgen Habermas's thinking. Therefore, the mediation of language, of dramaturgical action, of the paradox of the identity of the Self are

¹ Mestre em Ciências Sociais e Humanas-PPGCISH/UERN. Pesquisador do Grupo de Pesquisas em Espaço, Ensino e Geografia-GEPEEG, Pau dos Ferros, RN. E-mail: fherodoto@gmail.com

² Doutor em Geografia. Professor do Departamento de Geografia da UERN, Campus de Pau dos Ferros, RN. E-mail: rosalconobre@uern.br

promising on a geographic-intersubjective way of understanding the relationship between body and city.

Keywords: Body; City; Geography, Jürgen Habermas, Recognition.

LA EXPERIENCIA DEL CUERPO EM LA CIUDAD CONTEMPORÁNEA: ENTENDIMIENTOS DE JÜRGEN HABERMAS

Resumen: Partiendo de la filosofía de Jürgen Habermas, pretendemos discutir las interacciones entre el cuerpo y la ciudad contemporánea a través de una construcción experiencial intersubjetiva y, al mismo tiempo, comunicativa. La revisión de la literatura sobre cuerpo y ciudad se agrupó mediante discursos geográficos en cuatro ejes temáticos: movilidad urbana, exclusión / inclusión, identidades y prácticas. Las perspectivas comunes y diferentes sirvieron de base para las interpretaciones de las interacciones entre cuerpo y ciudad a través del pensamiento de Jürgen Habermas. Por tanto, la mediación del lenguaje, de la acción dramática, de la paradoja de la identidad del Yo son prometedoras en una forma geográfico-intersubjetiva de entender la relación entre cuerpo y ciudad.

Palabras clave: Cuerpo; Ciudad; Geografía, Jürgen Habermas, Reconocimiento.

INTRODUÇÃO

Os corpos humanos se conectam à cidade como horizonte espacial das situações de experiências de vida que constituem a construção das identidades humanas. Enquanto palco e condição da vida social, o espaço urbano se ressignifica temporalmente em sua materialidade arquitetônica e simbolicamente em sua intersubjetividade, devido aos movimentos das pessoas, como também dos eventos de natureza social e tecnológica, material e imaterial.

O corpo enquanto expressão material e simbólica da pessoa se constitui no mundo da vida mediado pelas ações linguísticas. Das tipologias de ação em Habermas (2012a), ao lado do agir instrumental, agir estratégico, agir comunicativo e agir dramático, este último representa um modo particular de relação entre as pessoas, sua corporeidade e o espaço público. Trata-se de uma ação às vezes natural e espontânea, mas quase sempre encenada, mediante expressões comunicativas e diante de espaços-tempos urbanos, multiculturais e intersubjetivamente compartilhados, a qual desvela a própria subjetividade de indivíduos socializados.

Com essas acepções introdutórias, já se situam os elementos centrais da teoria habermasiana para a compreensão da questão geográfica cidade-corpo – o paradoxo da identidade pessoa-indivíduo, ações, mundo da vida, intersubjetividade. Diante disso, quais elementos da filosofia habermasiana

podem contribuir para uma compreensão intersubjetiva da experiência corporeidade? A linguagem comunicativa influi sob qual perspectiva nessa experiência? Como o corpo inclui a cidade em suas práticas de significação no mundo da vida urbano?

Diante destes questionamentos, objetiva-se discutir acerca das interações entre o corpo e a cidade contemporânea a partir da filosofia de Jürgen Habermas, por meio de uma construção experiencial intersubjetiva e, ao mesmo tempo, comunicativa do espaço urbano.

A perspectiva metodológica da revisão de literatura serviu para nos guiar na compreensão sobre o corpus da relação corpo e cidade e situar a perspectiva geográfico-intersubjetiva aqui adotada. Deste modo, no campo da Geografia, esta relação foi agrupada em torno dos discursos predominantes em quatro eixos: da mobilidade urbana, da exclusão/inclusão espacial, das identidades espaciais e das práticas espaciais. Aos quatro eixos, adicionaram-se dois critérios fundamentais de análise: os temas comuns, compartilhados por todos, e os temas diferentes, que guardam suas identidades.

Neste caso, como salienta Habermas (2012a), enquanto um fragmento do mundo da vida é posto em questão, os temas que se distanciam espaço-temporalmente e socialmente tornam-se mais difíceis de construção de entendimentos, pois vão se tornando difusos e complexos. De todo modo, a sistematização em eixos e temas nos permite caminhar para uma melhor compreensão da intersubjetividade que medeia a relação corpo-cidade.

Neste sentido, o filósofo Jürgen Habermas (1979) propôs uma diferenciação entre corpo e pessoa/indivíduo, entre a materialidade que permite descrições do Eu e a estrutura simbólica que concede sentido social ao corpo. Assim, apesar de sua estrutura material/corpórea, a pessoa e o indivíduo são uma estrutura de sentido. Apesar dessas notas, o corpo é o grande ausente da teoria habermasina (ARDANS, 2005); logo, busca-se contribuir para pensar a sua inserção na teoria do agir comunicativo e, ao mesmo tempo, nas reflexões geográficas e espaciais, ao modo de uma experiência corporal intersubjetiva e exigente de reconhecimento recíproco.

Para tanto, inicialmente, revisam-se as múltiplas abordagens da questão quanto ao entendimento experiencial do corpo na cidade no campo da

Geografia. Em seguida, por meio de uma interpretação conceitual e de temas da filosofia de Jürgen Habermas, discutiu-se acerca de um tipo de conexão geográfica-intersubjetiva entre o corpo e a cidade compartilhada como mundo da vida nas seções “O corpo-cidade e suas formas de existência” e “Ação e reconhecimento do corpo na relação com a cidade”.

CORPO E CIDADE EM PRODUÇÃO GEOGRÁFICA BRASILEIRA

Na discussão sobre corpo e cidade, são encontrados 10 artigos em periódicos (Quadro 1).

Os artigos foram selecionados de acordo com dois critérios: (i) publicação dos textos no período 1999-2019 e em periódicos de qualis A1 a B5 de Geografia e (ii) classificação no qualis da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) de 2013-2016.

Quadro 1 – Artigos de Geografia (Classificação CAPES: 2013-2016)

Autor(a)	Título	Periódico/Qualis	Ano de Publicação
Giselle Soares dos Anjos	Habitar a cidade: narrativas do corpo na sobremodernidade	Geograficidade/B2	2019
Mateus Fachin Pedroso; Raul Borges Guimarães	Marcas do HIV/AIDS em corpos jovens: rupturas e ressignificações no Espaço Urbano	Revista Latino-Americana de Geografia e Gênero/B1	2017
David Róman Islas Vela	Zona Rosa: El territorio queer de la Ciudad de México. El consumo de la disidencia, identidades, cuerpos y habitares	Revista Latino-Americana de Geografia e Gênero/B1	2015
Ana Fani Alessandri Carlos	O poder do corpo no espaço público: o urbano como privação e o direito à cidade	GEOUSP- Espaço e Tempo/A1	2014
Martin Torres Rodriguez	Corporalidad, sexualidade y erotismo en la visión de ciudad de la nueva geografia cultural	Revista Latino-Americana de Geografia e Gênero/B1	2014
Michel Phillippe Moreaux	Expressões e impressões do corpo no espaço urbano: estudo das práticas de artes de rua como rupturas dos ritmos do cotidiano da cidade	GEOPUC/B5	2014
Ângelo Serpa	Espacialidade do corpo e ativismos sociais na cidade contemporânea	Mercator/A1	2013
Flávio Slompo Pinto	Territórios religiosos: usos dos corpos e do espaço público em uma experiência de catolicismo na metrópole	Geografia – Ensino & Pesquisa/B2	2010
Joseli Maria da Silva	A cidade dos corpos transgressores da heteronormatividade	GEOUERJ/B1	2008
Gilmar Mascarenhas de Jesus	O corpo e a cidade: a epidemia da febre esportiva no Rio de Janeiro (1890-1920)	GEOUERJ/B1	1999

Fonte: Os autores.

Há predominância de artigos sobre gênero, representação espacial do corpo na cidade através do HIV/AIDS, atividades esportivas e sua conexão com o corpo e a cidade, a experiência do corpo nos espaços públicos e em lugares específicos na cidade, o corpo como instrumento de luta do indivíduo pelo

direito a habitar cidades, arte de rua, corpo e cidade. Além disso, os textos do primeiro quadro são elaborados por pesquisadores de pós-graduações da área de Geografia que observam o espaço urbano e suas contradições sociais e culturais como universo de pesquisa.

Quatro dissertações de mestrado e uma tese de doutorado (Quadro 2) indicam tratar-se de trabalhos defendidos em pós-graduações da área de Geografia e em linhas de pesquisas relacionadas à produção do espaço geográfico na cidade ou em espacialidades rurais.

Quadro 2 – Dissertações e teses na área de geografia

Autor(a)	Título	Tipo	Ano de Defesa
Thalita Fernandes Gonçalves	Rua, substantivo feminino: mulheres em movimento e o direito ao corpo na cidade	Dissertação de Mestrado	2019
Renata Dias Dutra	Olhos que tocam o chão, corpos na contramão: PCD, acessibilidade e mobilidade no centro histórico da cidade de Goiás	Dissertação de Mestrado	2018
Marcelo Cintra do Amaral	A mobilidade da cidade aos pedaços: espaço-tempo-corpo dos deslocamentos em Belo Horizonte	Tese de Doutorado	2015
Claudio da Silva Santos	Corpo e mobilidade urbana: uma experiência pedestre na cidade de São Paulo	Dissertação de Mestrado	2014
Orley Olavo Filemon	Trajетórias socioespaciais da juventude metropolitana e a construção da corporeidade: o caso do colégio estadual professor Genesco Ferreira Bretas, na região noroeste de Goiânia	Dissertação de Mestrado	2011

Fonte: Os autores.

Diante destes estudos, dividiram-se em eixos centrais os discursos geográficos sobre a relação corpo e cidade: mobilidade urbana do corpo, exclusão/inclusão do corpo na cidade, identidades na/da relação corpo-cidade e práticas sociais e/ou culturais do corpo na cidade.

Mobilidade urbana do corpo: neste eixo, analisam-se os corpos a partir dos seus movimentos espacialmente situados por meio do trânsito entre locais específicos do espaço urbano, com suas temporalidades específicas (AMARAL, 2015; SANTOS, 2014).

Exclusão/Inclusão do corpo na cidade: nas pesquisas desse eixo, perceberam-se possíveis respostas ao distanciamento ou inclusão de corpos

ditos anormais ou diferentes em relação aos espaços públicos e de sociabilidades urbanas. Ademais, elas debatem sobre o estigma e vivências espaço-temporais de indivíduo com HIV/AIDS (PEDROSO; GUIMARÃES, 2017), acesso de indivíduos com deficiências ou idosos a locais históricos (DIAS DUTRA, 2018), o direito do indivíduo em viver e conviver nos diferenciados contextos da cidade, enquanto moradores de rua ou manifestantes que sejam a favor ou contra seus distanciamentos ou proximidades aos objetos técnicos e demais espaços públicos do mundo urbano (CARLOS, 2014; GONÇALVES, 2019).

Identidades na/da relação corpo e cidade: neste eixo, considera-se a identidade corporal como catalizadora de novas ressignificações dos espaços da cidade através de trajetos e trajetórias espaciais não-normativas. Há referências a corpos que transpassam os significados duais de masculino e de feminino, os quais espacializam o cotidiano urbano com outras identidades de gênero e diferentes práticas da sua sexualidade. Dessa forma, Silva (2008) observa como a escola se transforma em um espaço-tempo de proibição para as linguagens corporais e sociais da identidade travesti no urbano. Rodriguez (2014) problematiza a existência da identidade transexual como de um erotismo não-heteronormativo na cidade sob o olhar da nova geografia cultural, em consonância com as filosofias de Judith Butler e Michel Foucault acerca de gênero e poder. Vela (2015) analisa como as identidades de gênero são reinventadas a partir do consumo do lugar Zona Rosa da Cidade do México. Por outro lado, Filemon (2011) considera a formação de identidades do jovem em relação às suas práticas corporais na Escola Estadual Genesco Ferreira Bretas, em Goiânia/Goiás.

Práticas sociais e/ou culturais do corpo na cidade: no quarto e último eixo, as investigações examinam o significado de tipologias de ações humanas para a produção e reprodução simbólica e socioespacial da cidade pelo e através do corpo, suas origens e diversidades. Serpa (2013) discute que, através das redes sociais, o corpo propicia interações entre os indivíduos, priorizando o ato de protesto pelo direito de habitar, de lazer e de sociabilidade da cidade contemporânea. Em outra perspectiva, Jesus (1999) demonstra como as atividades esportivas se propagaram velozmente no Rio de Janeiro durante o

período de 1890-1920, para, desse modo, haver substanciais modificações na aparência do seu corpo urbano. As artes de rua, teatrais e circenses são consideradas por Moreaux (2014) como ritmos de imaginação e de construção do urbano com o corpo que os projeta em momentos de festividade. No ato rotineiro de passagem entre a Praça de Jardim Marilândia e o terminal de ônibus São Torquato, em Vitória/ES, Anjos (2019) narra a experiência do corpo nesses locais, a partir de sua representação tanto como moradora/vivente, quanto pesquisadora da interação corpo e cidade. Relatando sobre uma finalidade religiosa do corpo na cidade, Pinto (2010) pondera sobre a utilização dos espaços da cidade de Campinas/SP, através dos movimentos de caridade e oração do grupo religioso *Fraternidade Toca de Assis*.

Em síntese, estes eixos apresentam um apanhado certamente incompleto e necessitado de aprofundamentos. Ainda assim e, como esforço metodológico, detalham-se os *temas comuns*, notadamente do corpo que subverte as lógicas de espaço e de tempo nas cidades, quando seguem suas próprias regras e jogos de linguagem, interação social e de identidade. As diferenças entre os corpos, em termos de gênero, sexualidade, idade ou fisionomia, atuam como fatores preponderantes para a ressignificação dos espaços públicos da cidade. O movimento dos corpos no urbano-cidade é tratado a partir do trânsito de indivíduos e trajetórias pessoais ou da aceitação e distanciamento deles para com suas múltiplas formas e conteúdos identitários. Todas as reflexões são centradas em considerações não somente geográficas, mas também sociológicas e filosóficas.

Paralelamente, os *temas diferentes* contemplados na análise incluem campos variados de estudo, filiação teórica diversa e diversificados indivíduos de análise social nos campos de estudo: geografia do esporte, geografia da saúde, geografia do gênero e suas sexualidades no urbano, e experiência corporal de grupos de indivíduos na/da cidade. As filiações teóricas vão de Henri Lefebvre para tratar da produção espacial da cidade e seus fenômenos socioculturais, passando por Judith Butler até Michel Foucault, em debates sobre gênero, sexualidade e corpo, assim como sobre de que forma o poder atua como dimensão material e discursiva da cidade. Quanto aos indivíduos de análise, há os grupos que ressignificam o urbano a partir de práticas culturais,

corpos que afirmam suas identidades não-normativas diante da inclusão e/ou exclusão na cidade e corpos que lutam pelo direito aos espaços públicos da cidade.

Posto isso, a multiplicidade de vozes e abordagens, o agrupamento em eixos e temas comuns e divergentes nos fornecem a possibilidade de situar a compreensão da cidade relacionada ao corpo, mediante algumas compreensões habermasianas no corpus discursivo geográfico.

O CORPO-CIDADE E SUAS FORMAS DE COEXISTÊNCIAS

Em uma aproximação metafórica, afirmar-se-ia que, na Geografia, a paisagem seria o corpo/matéria e o espaço, a pessoa/símbolo; daí falarmos de corpo-cidade. Para Santos (1999), sem a vida humana, não há espaço, mas apenas a paisagem e, inversamente, sem a paisagem não há vida. Consequentemente, há uma dialética entre paisagens e espaços ao modo de coexistências socioespaciais, mediada pelos movimentos dialéticos dos corpos que representam e das personalidades que significam.

Essas coexistências podem ser explicadas recorrendo-se aos estágios de desenvolvimento do julgar ético e moral, incluindo o estágio pré-convencional, o convencional e o pós-convencional. Habermas (1979), ao adotar esta teoria construtivista, na perspectiva de Lawrence Kohlberg, acrescenta, porém, a dimensão da linguagem comunicativa voltada para o entendimento intersubjetivo. Por conseguinte, é na interação, no meio da construção de consensos pelo reconhecimento recíproco, que corpo, pessoa e indivíduo apresentam significações distintas em cada etapa da vida.

Nessa perspectiva, considerando a formação da personalidade humana, seus processos hierárquicos, mas também contraditórios de constituição da identidade do Eu, autônomo, compreende-se ser com a internalização do mundo social normativo que a pessoa em formação adquire a consciência de Si enquanto ser social no estágio da identidade de papéis. Nesse processo, ultrapassa-se o estágio anterior da identidade natural marcada pela simbiose entre o corpo e o mundo objetivo enquanto a totalidade das entidades existentes. Em seguida, mais uma ruptura concorre para a formação da identidade do Eu enquanto indivíduo, diferenciado da normatividade de pessoa

em sociedade e desapegado dos condicionantes sociais, ainda que parcialmente. Cabe esclarecer, com Habermas (2016, p. 128-129) que,

Na identidade do Eu se exprime a relação paradoxal de que o Eu enquanto pessoa em geral é igual a toda outra pessoa, mas enquanto indivíduo se diferencia por excelência de todos os outros indivíduos. Desse modo, a identidade do Eu pode ser comprovada na capacidade do adulto de, em situações de conflito, construir novas identidade e harmonizá-las com antigas identidades superadas a fim de organizar a si mesmo e suas interações em uma mesma história de vida sob orientação de princípios universais e procedimentos.

Logo, no momento em que a criança abandona a fase simbiótica durante o estágio pré-convencional da identidade natural, ela aprende a distinguir entre “Si” e seu “corpo” e o “ambiente”, ainda que não consiga separar, de modo rigoroso, os objetos físicos dos objetos sociais (HABERMAS, 1983). Nesse nível, as crianças ainda não estão “inseridas” no universo simbólico, pois suas ações são imputadas a outros (LIMA, 2012). Portanto, é com a entrada no estágio convencional de desenvolvimento da identidade de papéis que a pessoa, enquanto realidade simbólica, se abstrai do seu corpo enquanto realidade material.

Por isso, situa-se a discussão sobre corpo também no campo da linguagem, não apenas na dimensão cognitiva de informar, mas, sobretudo na dimensão comunicativa de coordenar ações, encontros e construir consensos entre indivíduos diferenciados culturalmente, normativamente e em termos de identidade. Portanto, em seus contextos de mundo da vida.

Em pesquisa no campo da educação física, Gutierrez; Almeida; Marques (2011) comprovaram que, por meio de dinâmicas em grupos específicos – não deficientes e deficientes visuais, auditivos e físicos – e pelas análises das suas formas de comunicação, por caminhos próprios, os dois grupos apresentaram semelhantes capacidades de obtenção de consenso. Na mesma filiação teórica e no campo da Administração, Natti; Carrieri (2016) consideraram, com base em seus achados, que o corpo é uma ação comunicativa - ele fala. Logo, mediante suas formas de existência e de expressão, é possível orientar para entendimento mútuo na interação com outras corporeidades.

Habermas (2010) já havia destacado que a intenção do comunicante assume sempre uma “forma simbólica” e pode se expressar no meio da língua

natural ou de um derivado linguístico, como no sistema de signos dos surdos-mudos ou dos condutores de veículos, ou, de modo extraverbal, na forma de ação ou de expressão física, como gestos e estados faciais e, ainda, como representação artística.

Tema corrente no pensamento habermasiano, a esfera do público e a esfera do privado, melhor chamá-las de espaço público e espaço privado por seu sentido mais amplo e inclusivo, como pelo interesse direto que possui para a geografia, tem, pois, variadas indicações à corporeidade humana. Em *Mudança estrutural da esfera pública*, Habermas (2003) assinala uma imbricada relação entre o surgimento, durante a Idade Média, de uma determinada ideia de representatividade do poder diante do público na cena pública, valendo-se de um código de comportamento e da sua corporificação, isto é, na possibilidade de o corpo representar publicamente este poder.

Nesse contexto, o corpo vivo, ao movimentar-se no espaço, tece representações de Si e dos outros pela coexistência simbólica e nas malhas com os pontos e linhas de passagem. O andar veloz em ruas comerciais, a pressa em chegar ao local de trabalho, a expressão corpórea da tristeza em abandonar o seu lar afetivo, o caminhar sem mapas por ruas ou vielas já revelam esse processo de tessitura (MARANDOLA JR, 2015).

Paralelamente, este desloca-se e apropria-se da experiência que é a cidade, redesenha o cotidiano que resiste à capitalização do dinheiro, enuncia como vemos e vivemos o mundo e imagina, significa e expressa as trajetórias espaciais dos centros e periferias (HISSA; NOGUEIRA, 2013). Dessa forma, com a sua corporeidade, ocupa praças, barzinhos, clubes de lazer, enfim, microcosmos urbanos que ensejam falas banais e autobiográficas (ONFRAY, 2009).

Então, o corpo migrante na cidade é um *corpus* material-discursivo dela. Em concordância com esta ideia, Moreira Filho (2013) e Berten (2013) evidenciam que a linguagem pode produzir e reproduzir o corpo no espaço urbano cidade.

Destarte, uma abordagem consequente na Geografia haveria de considerar o processo reconstrutivo do Ser e do corpo tomados em conjunto, tanto no campo, como na cidade, no mundo da vida rural ou no mundo da vida

urbana e, da mesma forma, na confluência entre esses mundos. Além disso, haveria de se considerar a materialidade e simbolismo em suas representações públicas.

Nesse processo, percebe-se, a partir de Habermas (1999, 2004), que os corpos se localizam espaço-temporalmente a partir de grupos de referências. Estes são uma conjunção dialética de indivíduos que se diferenciam ao mesmo tempo em que também são uma união de pessoas num mundo da vida compartilhado intersubjetivamente pelas regras entre os membros e os não-membros. Logo, isso pressupõe um entendimento entre o corpo como cidade e a cidade como corpo, cuja finalidade obedece às pretensões de validade sobre o que se diz ou se entende comunicativamente como mundo compartilhado.

Para Carneiro (2011), Carneiro; Lima (2019) e Gonçalves (1999), essas pretensões se referem a parâmetros para um entendimento qualitativo entre indivíduos que podem se entender sobre alguma coisa no contexto de seu mundo entre e através da linguagem. Para tanto, as suas falas devem ser pautadas em afirmações fundamentadas no mundo objetivo (verdade), argumentos conforme as normas ou ao contexto social vigente (legitimidade ou retidão) e expressão subjetiva do próprio ato de fala (sinceridade).

Consequentemente, as múltiplas ações corporificadas no espaço urbano-cidade adquirem, pela linguagem, a compreensão do que é estar num mundo da vida, entendido este a partir de Habermas (2016) como a realidade compartilhada entre e para indivíduos com seus variados textos e contextos. Em outros termos, revela-se a sua dependência, a contingência ou a liberdade frente aos mundos da vida (HABERMAS, 1999). Descobre-se, assim, o que Habermas (2009) chama de consciência que dá nomes, consciência astuta e consciência reconhecida.

Segundo Bannwart Júnior (2008), a **consciência que dá nomes e a consciência astuta** representam a dialética da representação e do trabalho – vinculação entre indivíduo e objetos, interposta por símbolos da linguagem e dispositivos de trabalho. A **consciência reconhecida** é a dialética da luta pelo reconhecimento-interação entre indivíduos, em que a identidade do “eu” é corolária à identidade do “outro” e vice-versa.

Nesse sentido, o Eu como entidade dialética de significação do corpo como geografia do mundo urbano adquire existência e coexistência por meio da linguagem, pela função de nomear o presente e passado de sua identidade. Símbolos-representação da interação do “Eu” com o “Alter”, das pessoas entre si através de objetos e coisas, a corporeidade humana pode satisfazer seus padrões de espacialização no/do mundo, por meio de uma distinção com a natureza e o espírito que se materializa nos instrumentos técnicos e em sua racionalidade.

Logo, o corpo existe enquanto pessoa e indivíduo no mundo da vida urbano, por intermédio de suas matrizes espaciais identitárias e, portanto, de reconhecimento pelas mais variadas interações sociais, sejam elas linguísticas ou não linguísticas. Isto implica, portanto, na dimensão da intersubjetividade entre corpo e cidade.

AÇÃO E RECONHECIMENTO DO CORPO NA RELAÇÃO COM A CIDADE

O corpo evidencia suas ações em consonância com a cidade a partir de duas dimensões: a dramática e a hermenêutica. Por um lado, a dramática seria um tipo de agir que as pessoas executam no espaço público como a expressão de suas subjetividades, aparecendo as visibilidades dessa ação como encenações de um ator que deseja produzir um efeito em quem observa. Logo, não somente a cidade é vista como um cenário, mas o próprio corpo que a habita e percorre adquire esta condição. Consoante Habermas (2012a),

[...] aos participantes de uma interação que constituem uns para os outros um público a cujos olhos se apresentam (encenam). O ator suscita em seu público uma determinada imagem, uma impressão de si mesmo, ao desvelar sua subjetividade em maior ou menor medida. Aqui, os participantes monitoram sua intenção por meio da regulação do acesso recíproco à subjetividade própria (p. 65).

Dessa maneira, por meio de suas intencionalidades, os corpos movimentam-se por autorrepresentações em contextos do próprio mundo da vida e assumem fronteiras internas e externas nas comunicações com outros corpos. Além disso, representam como manipulam a materialidade do corpo-cidade que escolheu ou foi obrigado a habitar e viver pela intersubjetividade.

De um lado, com Grosz (2011), esse tipo de manipulação é prescrito pela imagem que podemos fazer ou reinventar, tanto da relação entre os seus espaços geográficos diversos, quanto por meio de conhecimentos éticos e também estéticos. Elementos próximos da expressividade do indivíduo na cidade, por movimentos de repetição ou aprendizagem espacial (VILELA, 2009).

Por outro lado, o corpo assume sua natureza de geografia que representa as paisagens urbanas, seja através de exercícios de mobilização ou transgressão aos outros locais em ações de experimentação e metamorfose (QUEIROZ FILHO, 2018). Há, assim, um sistema de pertencimento dos corpos aos lugares, sejam pela ambivalência dos seus contextos discursivos, ou pela alternância dos tipos de significações corpóreas ali presentes (AZEVEDO, 2009).

Nesse âmbito, por sua vez, a ação hermenêutica informa a conexão corpo e cidade quando ela é interpretada como textos do real que se reconhecem entre si por intermédio de signos e significados que fazem referência a manifestações epistêmicas, políticas, econômicas ou comunicativas dos espaços urbanos (GHEDIN, 2004), seja através da constatação de uma fala científica, representação da identidade cultural de seu próprio espaço urbano ou performance artística do corpo, enquanto linguagem material das cidades. Argumentos para um sentido de autoconstrução em relação aos modos de coletividade e individualidade, tanto nas suas relações comunicativas quanto extralinguísticas (VOIROL, 2008).

Por isso, a dimensão hermenêutica constitui-se de palavras e formas de interpretação dos corpos como existência do urbano-cidade quando considera a linguagem como processo de elucidação teórica e comunicativa de seus valores, sejam eles científicos ou sociais, e a transformação do falar como posicionamento de suas ações (HABERMAS, 2009). Em consonância com Menezes (1988), cabe fazer comparações entre os estatutos dos saberes que estudam o corpo e a cidade como uma das dimensões materiais-discursivas do espaço geográfico. Assim, esses estatutos são: as humanidades, a teoria crítica e as ciências naturais ou sociais. Para tanto, são dois os fatores que agem sobre suas estruturas intermediárias e finalistas: a consciência como força matriz do

tangível na conexão corpo-rua-avenida-bairro e o paralelismo enquanto lógica da simultaneidade interior e exterior do primeiro fator.

Destarte, com Habermas (2000) e Batista (2012) são pertinentes as seguintes orientações para a reflexão anterior: uma autorreflexão não objetivista das ciências que estudam o indivíduo e suas compreensões mentais do espaço geográfico; autocompreensão de suas correntes de pensamento, através de teorias e conceitos das ciências naturais que se relacionam; a configuração das informações científicas em consequências comunicativas e intersubjetivas para o tipo de reconhecer do corpo com o urbano cidadão.

Além do mais, o corpo, ao interagir com os espaços urbanos da cidade, pode ser reconhecido espacialmente e comunicativamente enquanto três tipificações de sujeito: o epistêmico, o prático e o pático:

(Correspondentemente) o *ego* pode, de acordo com o modelo de autocrítica, colocar-se em relação consigo mesmo: seja na qualidade de um *sujeito epistêmico* dotado da capacidade de aprender, o qual já adquiriu determinado saber no trato cognitivo-instrumental com a realidade; seja na qualidade de *sujeito prático* capaz de agir, que já formou um determinado caráter superego nas interações com suas pessoas de referência; seja, finalmente, na qualidade de um *sujeito pático*, sensível e “apaixonado” no sentido de Feuerbach, que já delimitou um domínio especial da subjetividade separado do mundo exterior dos fatos e das normas, ao qual ele tem um acesso intuitivo e privilegiado (HABERMAS, 2012b, p. 137-138, grifo do autor).

Em outros termos, os indivíduos são transformados num tipo de linguagem representacional do espaço urbano, ao mostrar seu acontecimento por meio de ações em seu mundo vivido. Em síntese, tudo o que foi comentado se liga a múltiplos espaços que são formados entre e através das geografias do corpo e suas cidades, na condição de serem espaços imaginados em apresentação ao mundo globalizado, dialéticos na identificação com suas hierarquias de culturas, sociedades, narrativas e personagens da literatura escrita ou visual.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao se discutir as interações entre o corpo e a cidade contemporânea a partir da filosofia de Jürgen Habermas, buscou-se refletir acerca de uma

construção experiencial intersubjetiva do espaço urbano. Está é, por conseguinte, uma experiência comunicativa mediada pela linguagem.

A partir da questão analisada pelo pensamento de Jürgen Habermas, percebe-se que o corpo no mundo da vida urbano atua na fragmentação e, ao mesmo tempo, na unidade de personagens e cenários específicos da vida de uma nação, ao integrar seus componentes por meio da tipificação de suas culturas urbanas, em gestos, variabilidades arquitetônicas e locacionais, como também pela diferenciação do agir dramático, um agir corpóreo meio natural e meio simulado, artificial.

A questão corporal no urbano-cidade ganha vulto quando a entendemos como viés de existência do espaço que possibilita sua própria visibilidade, por meio de percursos de formação da identidade pela mediação da linguagem na construção de sua caracterização material e discursiva.

Por conseguinte, na relação corpo-cidade, entende-se que a pesquisa sobre as experiências corporais na cidade deve atender a uma categorização metodológica da palavra que nomeia a referida discussão, por meio da organização espacial dos fatores que tornam a sociedade um mundo da vida constituído por pessoas que compartilham ruas, avenidas e bairros urbanos.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Marcelo Cintra do. **A mobilidade da cidade aos pedaços:** espaço-tempo-corpo dos deslocamentos em Belo Horizonte. 2015. Tese (Doutorado em Geografia) – Departamento de Geografia, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.

ANJOS, Giselle Soares dos. Habitar a cidade: narrativas do corpo na sobremodernidade. **Geograficidade**, vol.9, nº especial, p.95-104, 2019.

Disponível em:

<https://periodicos.uff.br/geograficidade/article/view/27233/pdf>. Acesso em: 01 de dez.2020.

ARDANS, Omar. Corpo e identidade na teoria da ação comunicativa de Habermas. **Psicol. hosp.** v. 3, n. 2, p.1-7,2005 . Disponível em:

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-74092005000200002. Acesso em: 02 de dez.2020.

AZEVEDO, Ana Francisca. Desgeografização do corpo: uma política de lugar. In: AZEVEDO, Ana Francisca; PIMENTA, José Ramiro; SARMENTO, João

(Cords.). **Geografias do corpo**: ensaios de geografia cultural. Porto: Livraria Figueirinhas, 2009. p. 31-80.

BANNWART JÚNIOR, Clodomiro José. **Estruturas normativas da teoria da evolução social de Habermas**. 2008. Tese (Doutorado em Filosofia) - Programa de Pós-Graduação em Filosofia, UNICAMP, Campinas, 2008.

BATISTA, Micheline. Hermenêutica filosófica e o debate Gadamer-Habermas. **Crítica e Sociedade – Revista de Cultura Política**, vol.2, nº 1, p. 101-118, 2012. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/criticassociedade/article/view/15000>. Acesso em: 03 de dez.2020.

BERTEN, André. Do conceito de aprendizagem em Habermas. In: MARTINS, Clélia Aparecida; POKER, José Geraldo (Orgs.). **Reconhecimento, direito e discursividade em Habermas**. São Paulo: Editora FAP-UNIFESP, 2013. p. 151-174.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. O poder do corpo no espaço público: o urbano como privação e o direito à cidade. **GEOUSP – Espaço e Tempo**, vol.18, nº 2, p. 472-486, 2014. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/geousp/article/view/89588>. Acesso em: 04 de dez. 2020.

CARNEIRO, Rosalvo Nobre. O espaço orientado como sistema de objetos e um sistema de ações orientado para fins e para entendimento. **GEOGRAFIA (UFPI)**, ano 9, nº 32, p. 1-20, 2011. Disponível em: <https://www.docsity.com/pt/o-espaco-como-um-sistema-de-objetos-e-um-sistema-de-acoas/4771462/>. Acesso em: 01 de nov. 2020.

CARNEIRO, Rosalvo Nobre; LIMA, Joyce de Sena. Colonialismo do saber e suas implicações para a aplicação da lei nº 10.639/2003 nas escolas públicas. **Contexto & Educação**, ano 34, nº 108, p.42-56, 2019. Disponível em: <https://www.revistas.unijui.edu.br/index.php/contextoeducacao/article/view/8800>. Acesso em: 02 de nov. 2020.

DIAS DUTRA, Renata. **Olhos que tocam o chão, corpos na contramão**: PCD, acessibilidade e mobilidade no centro histórico de Goiás. 2018. 105f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Estudos Socioambientais, Universidade Federal de Goiás, Goiana, 2018.

FILEMON, Orley Olavo. **Trajetórias socioespaciais da juventude metropolitana e a construção da corporeidade**: o exemplo do Colégio Estadual Genesco Ferreira Bretas, na região noroeste de Goiânia. 2011. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Estudos Socioambientais, Universidade Federal de Goiás, Goiana, 2011.

GHEDIN, Evandro. Hermenêutica e pesquisa em educação: caminhos da investigação interpretativa. In: II SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE

PESQUISA E ESTUDOS QUALITATIVOS, 2004, Bauru. **Anais...** Bauru: EDUSC, 2004. p. 1-14.

GONÇALVES, Maria Augusta Salin. Teoria da ação comunicativa de Habermas: possibilidades de uma ação educativa de cunho interdisciplinar na escola. **Educação & Sociedade**, ano 20, nº 66, p. 125-140, 1999. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=SO101-73301999000100007&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 01 de out. 2020.

GONÇALVES, Talita Fernandes. **Rua, substantivo feminino: mulheres em movimento e o direito do corpo na cidade**. 2019. 98f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019.

GROSZ, Elizabeth. Corpos-cidades. In: MACEDO, Ana Gabriela; RAYNER, Francisca (Orgs.). **Genero, cultura visual e performance: antologia critica**. Minho: Edições Humus, 2011. p. 89-100.

GUTIERREZ, Gustavo Luis; ALMEIDA, Marco Antonio Bettine de; MARQUES, Renato Francisco Rodrigues. A influência de condições especiais de corporeidade na construção comunicativa de consensos. **Pro-Posições**, Campinas, v. 22, n. 3, p. 165-175, 2011. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=SO103-73072011000300012&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 02 de out. 2020.

HABERMAS, Jürgen. **Consciência moral e agir comunicativo**. Tradução de Guido A. de Almeida. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.

HABERMAS, Jürgen. **Pensamento pós-metafísico: estudos filosóficos**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1990.

HABERMAS, Jürgen. **Comentários a ética do discurso**. Tradução de Gilda Lopes da Encarnação. Lisboa: Instituto Piaget, 1999.

HABERMAS, Jürgen. **O discurso filosófico da modernidade**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

HABERMAS, Jürgen. **Mudança estrutural da esfera pública: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa**. Tradução de Flávio R. Kothe. 2 ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.

HABERMAS, Jürgen. **Verdade e justificação**. Tradução de Milton Camargo Mota. São Paulo: Loyola, 2004.

HABERMAS, Jürgen. **Técnica e ciência como ideologia**. Lisboa: Edições 70, 2009.

HABERMAS, Jürgen. **Teoria do agir comunicativo: racionalidade da ação e racionalização social**. Tradução de Paulo Astor Soethe. Revisão de Flávio Beno Siebeneichler. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012a. v. 1.

HABERMAS, Jürgen. **Teoria do agir comunicativo**: sobre a crítica da razão instrumental. Tradução de Flávio Beno Siebeneichler. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012b. v. 2.

HABERMAS, Jürgen. **Para a reconstrução do materialismo histórico**. São Paulo: EdUNESP, 2016.

HISSA, Cassio Eduardo Viana; NOGUEIRA, Maria Luísa Magalhães. Cidade-corpo. **Revista da UFMG**, vol.20, nº 1, p. 54-77, 2013. Disponível em: https://www.ufmg.br/revistaufmg/downloads/20/3-cidade-corpo_cassio_hissa_e_maria_nogueira.pdf. Acesso em: 01 de set. 2020.

JESUS, Gilmar Mascarenhas de. O corpo e a cidade: a epidemia de febre esportiva no Rio de Janeiro (1890-1920). **GEOUERJ**, nº 5, p.35-48, 1999. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/geouerj/article/view/49052>. Acesso em: 02 de set. 2020.

LIMA, Aluísio Ferreira de. Acepções de identidade na obra de Jürgen Habermas: subsídios para uma psicologia social criticamente orientada. **Psicologia & Sociedade**; v. 24, n. 2, p.. 253-262, 2012. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822012000200002&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 03 de set. 2020.

MARANDOLA JR, Eduardo. Geografias do porvir: a fenomenologia como abertura do fazer geográfico. In: SPOSITO, Eliseu Sposito. *et.al.* (Orgs.). **A diversidade da geografia brasileira**: escalas da análise e da ação. 1º ed. Rio de Janeiro: Consequência Editora, 2015. p. 451-466.

MENEZES, Anderson de Alencar; LIMA, José Aparecido de Oliveira. A consciência hermenêutica em Habermas: interfaces e diálogos. **Ágora Filosófica**, ano 16, nº 3, p.48-55, 2016. Disponível em: <http://www.unicap.br/ojs/index.php/agora/article/view/866>. Acesso em: 04 de set. 2020.

MENEZES, Eduardo Diatahy Bezerra de. Jürgen Habermas, a hermenêutica e epistemologia das ciências do homem. **Forum educ**, vol.4, nº 12, p.21-33, 1988. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/fe/index>. 30 de ago. 2020.

MOREIRA FILHO, Luís César Alves. **Identidade do eu e normatividade social em Habermas**. 2013. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Programa de Pós-Graduação em Filosofia, UNESP, Marília, 2013.

MOREAUX, Michel Philippe. Expressões e impressões do corpo no espaço urbano: estudo das práticas de artes de rua como rupturas dos ritmos do cotidiano da cidade. **GEOPUC – Revista do Programa de Pós-Graduação da PUC-Rio**, vol. 7, nº 12, p. 6-139, 2014. Disponível em: <http://geopuc.geo.puc-rio.br/media/v7n12a1.pdf>. Acesso em: 5 de set.2020.

NATT, Elisângela Domingues Michelatto; CARRIERI, Alexandre de Pádua. A teoria da ação comunicativa nos estudos do corpo e corporeidade: Possibilidades de Avanços para a Administração?. **Revista Perspectivas Contemporâneas**, v. 11, n. 1, p. 55-76, 2016. Disponível em: <http://revista2.grupointegrado.br/revista/index.php/perspectivascontemporaneas/article/view/1914>. Acesso em: 10 de out.2020.

ONFRAY, Michel. **Teoria da viagem**: poética da geografia. Tradução de Paulo Neves. Porto Alegre: L&PM Editores, 2009.

PEDROSO, Mateus Fachin.; GUIMARÃES, Raul Borges. Marcas do HIV/AIDS em corpos jovens: rupturas e ressignificações no espaço urbano. **Revista Latino-Americana de Geografia e Gênero**, vol. 8, nº 2, p. 23-50, 2017. Disponível em: <https://revistas2.uepg.br/index.php/rlagg/article/view/9598/pdf3>. Acesso em: 15 de nov. 2020.

PINTO, Flávia Slompo. Territórios religiosos: usos do corpo e do espaço público em uma experiência de catolicismo na metrópole. **Geografia, Ensino & Pesquisa**, vol. 14, nº 2, p.27-35, 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/geografia/article/view/29724>. Acesso em: 20 de out.2020.

RODRIGUEZ, Martin Torres. Corporalidad, sexualidade y erotismo em la visión de ciudad de la nueva geografia cultural. **Revista Latino-Americana de Geografia e Gênero**, vol. 5, nº 2, p. 83-98, 2014. Disponível em: https://revistas2.uepg.br/index.php/rlagg/article/view/6162/pdf_140. Acesso em: 18 de out.2020.

QUEIROZ FILHO, Antônio Carlos. **Corporema**: por uma geografia bailarina. 1º ed. Vitória: Publicação Independente, 2018.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. 3º ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

SANTOS, Claudio da Silva. **Corpo e mobilidade urbana**: uma experiência pedestre na cidade de São Paulo. 2014. 116f. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

SERPA, Angelo. Espacialidade do corpo e ativismos na cidade contemporânea. **Mercator**, vol. 12, nº 29, p. 23-30, 2013. Disponível em: https://ppgau.ufba.br/sites/ppgau.ufba.br/files/1196-4973-1-pb_espacialidade.pdf. Acesso em: 28 de ago.2020.

SILVA, Joseli Maria da. A cidade dos corpos transgressores da heteronormatividade. **GEOUERJ**, vol.1, nº 18, p.1-16, 2008. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/geouerj/article/view/1343>. Acesso em: 20 de out. 2020.

VELA, David Román Islas. Zona Rosa: el territorio queer de la ciudad de México. El consumo de la dissidência, identidades, cuerpos y habitares. **Revista Latino-Americana de Geografía e Género**, vol.6, nº 2, p.192-212, 2015.

Disponível em:

https://www.academia.edu/38300382/Zona_Rosa_el_territorio_queer_de_la_Ciudad_de_M%C3%A9xico_El_Consumo_de_la_disidencia_identidades_cuerpos_y_habitaes. Acesso em: 22 de set.2020.

VILELA, Eugenia. O corpo transversal: notas sobre a estranheza da aprendizagem dos nomes. **Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação**, nº 12, p. 37-45, 2009. Disponível em:

<https://periodicos.unb.br/index.php/resafe/article/view/4350/3975>. Acesso em: 15 de out. 2020.

VOIROL, Olivier. A esfera pública e as lutas por reconhecimento: de Habermas a Honneth. **Cadernos de Filosofia Alemã**, nº 13, p. 33-56, 2008. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/filosofiaalema/article/view/64787>. Acesso em: 22 de nov.2020.

Recebido em 24 de Dezembro de 2020
Aceito em 14 de Maio de 2021